ISSN: 2358-8829

MEMÓRIA, RACISMO E SILENCIAMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA “MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO”

Tallita Rosendo Barbosa [1]

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as contribuições da autora Grada Kilomba em sua obra “*Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”*(2019), tendo como objetivo refletir sobre o racismo estrutural, a memória e o silenciamento das vozes negras dentro da escola. Sabemos que a escola tem um papel importante na formação de crianças e jovens, por isso, é necessário problematizar as desigualdades sociais, culturais, políticas e também educacionais que estão constantemente presentes na sociedade em todos os contextos possíveis.

Observa-se que os currículos das escolas brasileiros excluem a literatura negra, mesmo com a lei 10.639/2003, que visa a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira africana, na qual busca uma educação antirracista e a descolonização dos saberes escolares no Brasil, vemos a escassez das bibliografias negras nas prateleiras e até mesmo nos planos pedagógicos das escolas, dessa maneira a relevância dessa pesquisa é justamente pensar o espaço escolar como lugar que é repleto de subjetividade, ele não é neutro, são territórios de disputas simbólicas e políticas no qual as identidades são construídas ou negadas.

À vista disso, a proposta é analisar de que forma a leitura e a discussão de trechos da obra da autora negra Grada Kilomba podem contribuir para construção de práticas pedagógicas que sejam voltadas para uma educação antirracista e decolonial. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa de caráter reflexivo, pois articula literatura, história e educação, uma vez que a literatura de autoria negra pode atuar como uma ruptura para as narrativas

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Graduanda do curso de Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba; Especialista na Pós-Graduação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Mestranda na Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, tallitabarbosa96@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

hegemônicas, permitindo compreender os silenciamentos históricos impostos pelo racismo cotidiano e estrutural. Acreditamos que ao inserir essas discussões no dia a dia escolar por meios de literaturas escritas por mulheres negras pode favorecer a formação de estudantes críticos, empáticos e conscientes das estruturas que moldaram a sociedade brasileira desde o início da colonização, onde ele se perpetua até os dias atuais.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o trabalho se desenvolve através de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo uma abordagem qualitativa de caráter reflexivo, de maneira que se articula literatura, história e educação. Tendo como base investigativa a leitura analítica a obra da escritora Grada Kilomba, *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), articulando com Paulo Freire (1996) com a teorias da pedagogia crítica, com Frantz Fanon (1983) que trata da psicanálise e crítica colonial, com a Bell Hooks (2017) ao trazer o pensamento feminista negro e a educação emancipatória. Assim, esses autores permitem analisarmos como os conceitos de trauma colonial, racismo estrutural e a violência epistêmica trazem uma carga negativa para as crianças e jovens da nossa escola que estão na educação básica e também para os professores com suas didáticas pedagógicas no âmbito educacional.

O artigo procurou examinar de que forma a inclusão de narrativas de autoria feminina como a obra da autora Grada Kilomba podem ser implementadas nas práticas pedagógicas de professores na educação atuando como ferramenta de enfrentamento ao racismo institucional e estrutural, podendo assim orientar a interpretação crítica mostrando a relevância de literaturas negras para uma educação equânime.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se fundamenta nos estudos pós-coloniais, na pedagogia crítica e nas discussões sobre o racismo estrutural e institucional dos nossos cotidianos. A obra da autora negra Grada Kilomba *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, traz reflexões relevantes, justamente para uma análise para pensarmos os relatos da psicanálise, no qual o colonialismo deixou marcas na subjetividade das pessoas negras.

Kilomba mostra que a escrita e narrativa assumem um papel importante na vida das pessoas, tendo em vista que é um lugar transformador. “Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se sujeito e, enquanto

escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história (Kilomba, 2019, p. 28). Dito isso, a autora vem mostrando como é importante ver as histórias de maneira ampla, ela é escritora da sua própria história e da história de tantas pessoas negras, trazendo um olhar sensível sobre suas colocações e trazendo formas de se colocar na sociedade.

Kilomba ainda tece em sua trajetória utilizando uma metáfora da plantação para mostrar as bases de um passado traumático que se perpetua até os dias atuais "Eu quero usar a metáfora da 'plantação' como o símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano. Estou, portanto, falando de um trauma colonial que foi memorizado".(2019, p. 213), Dessa maneira, na escrita da autora é possível observar que o racismo está pautado nas estruturas sociais e simbólicas, o período colonial trouxe para a sociedade um discurso que reverberam,

> [...] todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como 'Outra/o' - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido - mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Toda vez sou colocada como “Outra” - seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” exótica -, estou inevitavelmente experimentando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar personificada daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “outra/o” da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual (Kilomba, 2019, p. 78).

Dito isso, salienta-se que a questão da opressão impõe mecanismos de silenciamento institucional, a pessoa negra que é diferente da branca nesse meio acadêmico é alvo o tempo inteiro de racismos. Podemos, por exemplo apresentar essa narrativa a nossas crianças e jovens para que eles consigam pensar o lugar que as pessoas colocam as pessoas negras como subalternas, silenciando essa população e excluindo, as colocando a margem e ressaltando o racismo, ensinando aos discentes que o sociedade, a escola não é neutra, ela é subjetiva. Kilomba compara essa dinâmica de exclusão, de discursos, gestos, imagens, ações e olhares justamente com a máscara colonial, que é simbolizada a maneira que:

> A máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os 'Outras/os': Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?" (Kilomba, 2019, p. 33).
>
> Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos conservam no centro, como a norma. Quando ela/eles falam é científico, quando nós falamos é acifico:

ISSN: 2358-8829

> Universal/específico; Objetivo/subjetivo; Neutro/Pessoal; Racional/emocional; Imparcial/parcial; Elas/eles têm conhecimento; Nós temos experiências. (Kilomba, 2019, p. 51-52)

No meio institucional, vemos que debates em torno do racismo cotidiano são muito interessantes, mas não é visto como acadêmico ou científico, existem muitos comentários negativos e eles vão funcionar como a máscara que silencia as vozes negras assim que tentam se pronunciar. Nas instituições escolares na educação básica por exemplo permitem que o corpo branco se posicione e que coloquem os discursos dos corpos negros nas margens da sociedade, como conhecimento importante, enquanto as suas falas são conservadas como principais, eles são as normas. Kilomba permite que reflitamos sobre os lugares que as pessoas brancas nos deixam falar, por isso é relevante trazer essas escritas negras para o espaço escolar, tensionando que todos consigam enxergar o racismo estrutural e institucional e educar para o antirracismo.

É possível observar esse diálogo com a perspectiva de Frantz Fanon(2008), no qual ele analisa a dimensão psíquica e social do problema racial, mostrando a sociogenia á psicanálise, Observemos:

> Na verdade, pensamos que só uma interpretação psicanalítica do problema negro pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pela estrutura dos complexos...A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais... Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia". (Fanon, 2008, p. 104-105)

Assim, entendemos que esse racismo institucional está atrelado aos resquícios do período colonial, ou seja, o colonialismo, e para que as pessoas consigam ter consciência disso, é necessário que exista uma descolonização das realidades, não só educacional, mas também das econômicas, sociais e políticas. A Grada Kilomba traz isso no livro *Memórias da plantação: Episódios de racismos cotidianos* (2019) o tempo inteiro, denunciando a necessidade de desamarrar as amarras impostas na sociedade desde o período colonial e se perdurando até a atualidade.

Fanon mostra que para se ter uma emancipação e superação do colonialismo é importante que afirmemos que "Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência" (Fanon, 2008, p. 191). Nesse ínterim a reescrita da realidade dialoga diretamente com a descolonização de Kilomba(2019) para quem a pergunta

"O que o racismo fez com você?" não evoca a vitimização, mas sim o empoderamento, tendo em vista precede a forma em que alguém se torna sujeito que tem voz e que fala da sua realidade, essa pergunta por vezes é um ato de descolonização e também de (re)existir.

Quando trazemos essa discussão para o meio educacional é importante por exemplo com o Paulo Freire, pois compreende que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção"(1996, p. 91). Sendo assim, ou trazer para a educação básicas bibliografias como a da autora Grada Kilomba permite que o docente construa novas identidades, e possa denunciar o preconceito como ofensa a ética e à democracia

> A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (Freire, 1996, p 20-21)

Portanto, o respeito à dignidade humana é algo inegociável, isso não é um favor é um dever "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor...O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana" (Freire, 1996, p. 24). Com essa fala Paulo Freire faz com que pensemos que é preciso uma vigilância ética constante, pois para ele a prática educativa e a convivência com a sociedade exige coerente entre o que se faz e o que se fala, respeitar o outro na sua autoctonia significa combater o machismo, o racismo e o classicismo não como desvios de opiniões, mas como rupturas que são violentas com o que existe de essencial na humanidade.

Essa forma emancipatória vai de encontro também as reflexões de Bell Hooks (2017)

> Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras como gente que não devia está ali me ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. (Hooks, 2017, p.12)

ISSN: 2358-8829

Hooks destaca a enorme conexão entre o pensamento libertador e a pedagogia freiriana que atua diretamente com a lei 10.639/2003 que visa a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, tendo em vista que a educação para as relações étnicos raciais também se caracteriza como uma maneira de libertação. Como a autora pontua, é importante observarmos que ao entrar em um ambiente educacional conseguimos ver qual educação que está sendo pautada naquele ambiente, pois existe o ensino que é feito como prática de liberdade e outros que são para reforçar a dominação, o ensino dos brancos e para pessoas brancas. Hooks então ressalta que,

> A ênfase na educação como necessária para a libertação, que os negros afirmavam na época da escravidão e depois durante a reconstrução, informava nossa vida. E por isso a ênfase de Freire na educação como prática da liberdade fez sentido imediatamente para mim, Consciente desde a infância da necessidade da alfabetização, levei comigo para universidade a lembrança de ler para as pessoas. Levei comigo as lembranças de professoras negras no sistema escolar segregado que tinham sido pedagogas críticas e tinham nos proporcionado paradigmas libertadores. (Hooks, 2017, p. 72-73).

Para que essa transformação seja possível, é preciso que haja uma educação engajada, pois só assim teremos alunos críticos que consigam questionar as vertentes historiográficas, o contexto que estão inseridas e como a sociedade enxerga as pessoas negras. A autora Grada Kilomba(2019) pauta muito nessa questão, sendo assim é preciso que amplie as bibliografias no meio educacional e que o ensino para as relações etico racial seja constante e não só por pessoas negras, mas por todos, a luta precisa ser coletiva.

Toda essa fundamentação ganha força com o respaldo legal da lei 10.639/2003 que trás para escolas novas discussões, cabendo salientar que mesmo com 23 anos da promulgação da lei muitas vezes não vemos isso na prática, porém ao se conectar esses autores para analisar por exemplo a obra da Kilomba(2019) permite que a autoria feminina negra tensione os silenciamentos históricos nos meios institucionais, impulsionando a construção de práticas pedagógicas que sejam comprometidas com a justiça social, com o racismo e também com a valorização a diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao investigar a obra e conceitos, percebemos que trazer a literatura negra de autoria feminina para a sala de aula no contexto de educação básica permite a quebrar os silenciamentos sobre os racismos que existem nas escolas. A autora Grada Kilomba (2019) ao

ISSN: 2358-8829

trabalhar com racismo cotidiano em seu livro mostra que nem sempre o preconceito aparece de maneira explícita, mas pode aparecer em atitudes simples e diárias que desvalorizam os estudantes negros que estão no ambiente escolar.

Quando a escola utiliza autores como a Grada Kilomba, Bell Hooks e Frantz Fanon, ela permite criar um lugar seguro para discutir sobre as marcas do colonialismo e sobre os racismos que afetam a vida das pessoas, não basta ter só lei no papel, quando observamos que as escolas não cumprem ela, é preciso mostrar que a transformação na prática pedagógica trazendo caminhos investigativos para a erradicação dos silenciamentos e os racismos velados.

No mais, o estudo observou que o pensamento de Paulo Freire (1996) se aplica perfeitamente no processo de aprendizagem, pois os alunos aprendem melhor e se tornam cidadãos mais conscientes, tendo em vista que a aula reflete da realidade do dia a dia deles, questiona as injustiças sociais permitindo que a inclusão das narrativas ajuda justamente a construir um ensino mais igualitário, humano e sensível, formando crianças e jovens capazes de identificar o que é um racismo e combater ele nos espaços que eles estão inseridos, fazendo com que a educação antirracista sea efetivada na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que foi exposto ao decorrer do trabalho, foi permitido compreender que a obra *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* da autora negra Grada Kilomba, mostra importantes reflexões teóricas e metodológicas para repensar os caminhos pedagógicos que as escolas estão percorrendo na educação. Foi observado que o racismo e o silenciamento de pessoas negras na sala de aula é bastante recorrente, e esses problemas são profundos que precisam de mudanças reais no ambiente escolar, não só por meio de professores, mas também através dos próprios alunos e todo corpo escolar.

O trabalho mostrou que a literatura negra aplicada em diálogo com a lei 10.639/2003 são ferramentas importantes e potentes para transformação do ensino, tendo em vista que quando a escola trás essas discussões ela vai deixando de repetir uma visão eurocêntrica e trazendo as várias vertentes, rompendo com visões únicas e passando a valorizar a história e identidades das pessoas negras.

No mais, é importante salientar que interdisciplinaridade entre literatura, história e educação é um caminho que abrange as possibilidades para formar alunos mais críticos, conscientes e respeitosos com as diversidades existentes em nossa sociedade. Esperamos que

este estudo incentive novas pesquisas e que professores levem práticas pedagógicas antirracistas tendo como possibilidade a literatura negra de autoria feminina, para fortalecer diálogos interdisciplinarese étnicos raciais que descolonizar os saberes.

Palavras-chave: Educação antirracista, racismo estrutural, Grada Kilomba, literatura e educação.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobras Coroadas, 2019.